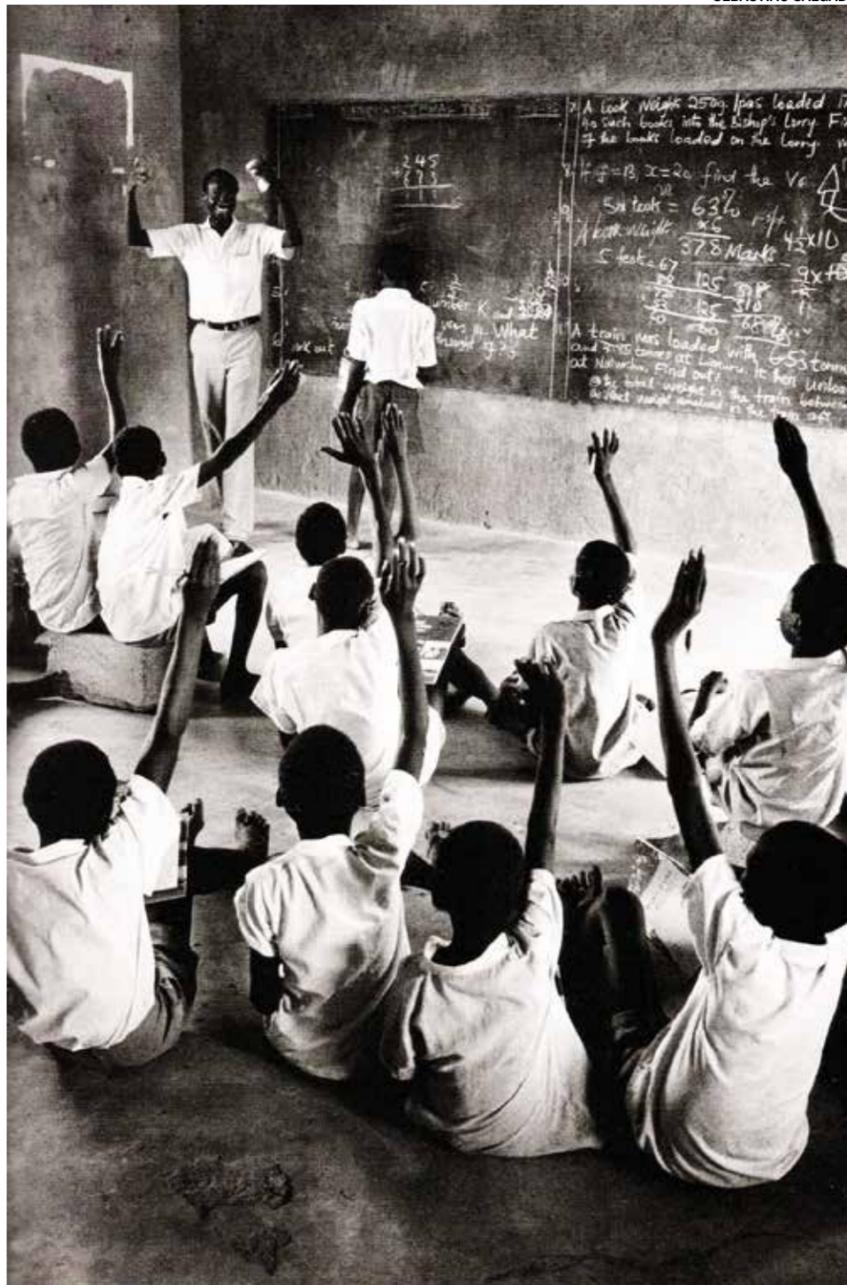


SEBASTIÃO SALGADO



Professoras e professores mudam destinos, compartilham conhecimentos e transformam o Planeta num lugar menos desigual e mais solidário. Essa mágica emancipatória acontece diuturnamente em escolas e universidades mundo afora.

Na UFRJ, não é diferente. Aqui, mais de quatro mil docentes se desdobram para dar a aula mais importante de todas: a da esperança em dias melhores. Inspirada na foto de Sebastião Salgado, de 1986, edição especial do **Jornal da AdUFRJ** celebra as múltiplas versões do trabalho de professoras e professores e homenageia o **Dia do Mestre**. Parabéns!

ESPECIAL | SEMANA DOS PROFESSORES

EL@S MELHORAM O MUNDO... ✓ COM: EDUCAÇÃO, C&amp;T

# Docentes ensinam ciência e inspiram novas gerações

> Semana Nacional de Ciência e Tecnologia discute o impacto das mudanças climáticas nos biomas brasileiros. Universidade abre seus laboratórios a crianças e adolescentes do Rio, Caxias e Macaé

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da UFRJ – que acontece de 16 a 18 no Fundão e em Caxias, e nos dias 22 e 23, em Macaé – tem um superpoder: o de fazer os olhos de mais de 8 mil estudantes brilharem encantados com o conhecimento passado por bravos professores. “O mais importante é essa troca de conhecimento. Muitas dessas ações são resultado de projetos de pesquisa e extensão integrados. É uma experiência estimulante não só para estudantes, mas também para professores”, afirma Ivana Bentes, pró-reitora de Extensão, que organiza o evento. Participam da SNCT 160 colégios do Rio e Baixada Fluminense.

Um dos pontos de parada das mais de 20 visitas guiadas realizadas durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da UFRJ foi o Lab3D, o Laboratório de Realidade Virtual e Realidade Aumentada da Coppe. Alunos da Escola Municipal Campos Elísios, de Duque de Caxias, conheceram algumas das aplicações e curiosidades da tecnologia de três dimensões. “Aqui trabalhamos com imagens 3D e realidade aumentada. Vocês sabem a diferença? Conhecer o jogo Pokémon Go?”, perguntou a professora Cláudia Susie Rodrigues, coordenadora do laboratório. A turma de mais de 30 adolescentes respondeu em coro: “sim”. “Ele é um exemplo de realidade aumentada. É quando você consegue inserir um objeto virtual no mundo

real”, explicou. “Já a imagem em 3D depende de um mecanismo que engana nosso cérebro para gerar essa percepção de profundidade. Os óculos anaglifos (de lentes vermelha e azul) cumprem o papel de unir as imagens que cada olho vê separadamente, de forma que pareçam saltar da tela”, demonstrou. Ao experimentar os óculos e ver as imagens se movendo, as reações eram todas de surpresa. “Estou gostando muito. Nunca tinha visto nada igual”, disse o estudante Eduardo Daniel Guedes. Aos 15 anos, ele está no 7º ano e pretende estudar na UFRJ. “Quero fazer computação”, contou.

Os professores dos jovens estudantes participaram da atividade emocionados. “Muitos deles nunca estiveram numa universidade. Outros sequer saíram do bairro onde vivem. Então, vivenciar isso com eles é muito estimulante”, contou Marcio Douglas Floriano, professor



É maravilhoso receber esses estudantes. Eles ficam encantados, os olhos deles brilham e os nossos também

CLAUDIA SUSIE RODRIGUES  
Professora da Coppe

de Geografia da turma.

A professora Susie, docente da Coppe, também estava emocionada. “É maravilhoso receber esses estudantes. Eles ficam encantados, os olhos deles brilham e os nossos também. Precisamos mostrar a eles as tecnologias, para que eles dominem essas ferramentas”.

A poucos metros dali, outro grupo chegou para conhecer a nova geração do MagLev Cobra, o trem de levitação magnética desenvolvido pela Coppe. A segunda versão, ainda mais silenciosa e autônoma, está em fase final de ajustes, mas foi instalada nos trilhos onde foi possível demonstrar a flutuação do equipamento.

Os alunos do Colégio Estadual José Leite Lopes ouviam as explicações atentamente. “É uma ideia muito boa, mas acho que a implementação dele será num futuro distante no Rio de Janeiro, mas poderia ser usado para ligar os prédios da UFRJ”, opina Cauã Peverari, de 15 anos. Pela primeira vez na universidade, o aluno do ensino médio ficou



FOTOS: FERNANDO SOUZA

impressionado com o tamanho da instituição. “Eu me surpreendi muito com o campus. É muito grande! Achei incrível ter vários prédios com vários cursos diferentes”.

No hall do Bloco A do Centro de Tecnologia, prédio que concentrou as exposições no Fundão, pequeninhos e grandes descobriam mais sobre ciência, tecnologia e inovação. Projetos de todas as unidades da UFRJ se revezaram nos estandes ao longo dos três dias de evento encantando gerações de alunos e professores. “É a primeira vez que eu vejo um microscópio. Eu estou gostando muito desse passeio”, contou a animada Stella Oliveira, de 11 anos.

“É ótimo receber os alunos das escolas, ver o interesse das pessoas”, conta Ana Luiza Costa, do 10º período do curso de

Microbiologia. O tema de sua exposição era Cianobactérias, bactérias que têm a propriedade de obter energia pela fotossíntese. “É um desafio explicar os assuntos de acordo com a faixa etária que chega até a gente, mas é sempre uma experiência maravilhosa”.

Professora do Espaço de Desenvolvimento Infantil Bárbara Ottoni, escola municipal voltada à educação infantil, Alessandra Gonçalves levou sua turma de 5 aninhos. “A prefeitura disponibilizou o ônibus para a escola. As crianças estão fascinadas com as interações. Espero que seja a primeira de muitas visitas que elas farão à universidade ao longo da vida”, desejou a educadora.

Responsável por explicar sobre desafios da sustentabilidade para crianças tão pequenas, a professora Laísa Freire, do Ins-

FOTOS: FERNANDO SOUZA



tituto de Biologia, não escondia o sorriso no rosto. “É uma delícia. Apostamos na vivência, na experimentação, para falar de ecossistemas, cadeia alimentar, impactos da ação humana até chegarmos ao desafio da sustentabilidade”, contou. “Nossa ideia é trazer para eles, mesmo pequeninhos, essa perspectiva urgente e necessária sobre a preservação do meio ambiente”. Isso é popularizar a Ciência”, defendeu.

O Museu Nacional também expôs partes de suas coleções, como animais taxidermizados e conservados em álcool. O estande, é claro, ficou lotado de olhinhos curiosos. “As crianças são muito interessadas, fazem muitas perguntas. A gente ama esse contato com o público”, declarou Marcela Pessoa, extensionista do museu e estudante de Ciências Biológicas. “Nosso

papel é exatamente este, de trazer o museu para o público, falar sobre ciência, sobre pesquisa com a sociedade”.

Pietro Calixto, da Escola Municipal Rui Barbosa, era um dos mais interessados nos diferentes estandes que visitou, no dia 16. Aos 14 anos, ele está no 8º ano e se interessa muito por Astronomia e Biologia. “Foi a primeira vez que estive na UFRJ. Eu visitei muitas coisas e aprendi muitas coisas também”, contou o aplicado aluno, convidado pela sua escola por ter um ótimo comportamento e boas notas.

Ele demonstra o que absorveu durante o dia rico em conhecimento e dá pistas do quanto a universidade e os professores podem melhorar o mundo. “É importante a gente preservar a natureza. Eu acho que a gente deveria queimar menos combustível”, aconselhou Pietro. “Essa fumaça tóxica polui muito o meio ambiente e destrói nosso planeta”. Recado anotado!



## CAXIAS RECEBE MAIS DE MIL ESTUDANTES EM TRÊS DIAS DE EVENTO

PEDRO HENRIQUE RIBEIRO



O campus de Duque de Caxias registra 22 escolas participantes da SNCT. A estimativa é que mil estudantes da educação básica visitem os projetos expostos nos três dias de atividades. “Estamos recebendo entre 300 e 400 estudantes por dia das escolas municipais e estaduais de Caxias e adjacências”, conta a professora Aliny Isaac, coordenadora de Extensão do campus.

Docente de Biologia Celular, ela não esconde o orgulho em ajudar a proporcionar aos estudantes da Baixada Fluminense

se a experiência de conhecer a UFRJ. “É muito gratificante este trabalho. Estamos lidando com crianças que muitas vezes nunca tiveram contato com a universidade, nunca viram um microscópio”, diz. “São coisas que vão ficar na memória deles e, certamente, na de todos nós”.

A programação é a mais variada possível. “Temos muitas oficinas sobre meio ambiente, sistema nervoso, biomas, contação de histórias, com participação de 200 alunos da universidade – envolvidos em oficinas ou em monitorias –, além de 18

professores do campus, três externos e nove técnicos”.

A docente destaca a importância de eventos como a SNCT. “Esse é o nosso papel: aproximar a universidade da sociedade, compartilhar conhecimento”, afirmou. “É muito emocionante ver as crianças se deparando com esse mundo novo. É a maior recompensa que a gente pode ter”, avalia a docente. “A extensão é a melhor ferramenta de ação direta na sociedade. É um elo que precisa ser estimulado”, conclui.

ESPECIAL | SEMANA DOS PROFESSORES

EL@S MELHORAM O MUNDO... ✓ COM: ÁRVORES

# Jardineiros da ciência: eles mudaram o CT

> Pioneiros no plantio de mudas no Centro de Tecnologia, nos anos 1980, dois professores da Engenharia Civil festejam os resultados da empreitada entre baobás, ipês e o canto de pássaros como sabiás, canários e sanhaços

KELVIN MELO  
kelvin@adufjr.org.br

O poeta cubano José Martí dizia que plantar uma árvore é algo que todo mundo deveria fazer ao longo da vida. Só que uma dupla de professores resolveu ir além: Ian Marques Martins e Roberto Fernandes Oliveira, da Engenharia Civil, ajudaram a plantar ou fincar com as próprias mãos centenas de mudas no entorno do Centro de Tecnologia. A iniciativa, nos anos 1980, transformou a paisagem. “Cheguei aqui em 1972, ainda como aluno. Era um campus muito árido”, afirma Ian. O cenário incomodava o então estudante. Ainda mais tendo um pai, Seu Irahay, que gostava muito de árvores e já fazia o plantio de mudas pelas praças de Niterói. Quando se tornou docente da universidade, em 1983, Ian começou a pensar em como colocar em prática o que

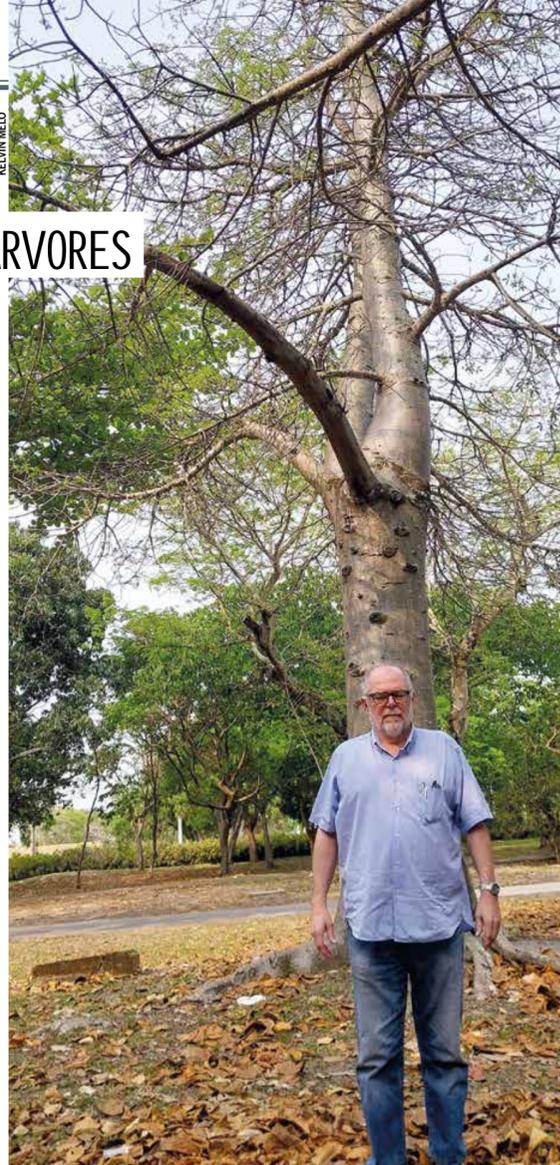
tinha aprendido em casa. “Meu pai, inclusive, cedeu algumas mudas para trazer para cá”. Mas poucas mudas não seriam suficientes para alterar a aridez do CT. Seria necessário um plantio em grande escala. Ian convenceu Roberto e os dois levaram a ideia ao decano da época, professor Carlos Russo, que apoiou a iniciativa. “Fui então ao Departamento de Parques e Jardins do Rio, em 1986, convidei um técnico para visitar o campus, demos uma volta por aqui e perguntei que tipos de árvores ele sugeriria para serem plantadas. Depois disso, fomos à reitoria e pedimos um caminhão para ir ao departamento, que separou uma série de mudas para nós buscarmos”, recorda Ian.

Foram trazidas mil mudas das mais variadas espécies: ipês, baobás, figueiras, mirindibas, mungubas, goiabeiras, tamarindeiras, pés de fruta-pão, sapotizeiros, entre tantas outras. O professor calcula que aproximadamente 300 delas vingaram e estão por

aí até hoje. “Todas vieram em saquinhos. Aqui na frente do bloco B do CT existem esses baobás enormes que vieram com 1,20m de altura”, conta Ian.

Entre tantas, há algumas preferidas. “Minha árvore predileta é um ipê amarelo, que fica no estacionamento, em frente ao bloco G. Sempre dá uma floração que é um espetáculo. Quando as folhas caem, o chão parece um tapete amarelo”, afirma Ian. “Gosto também da mirindiba, que não sabia que iria adquirir uma copa tão grande e bonita, que está em frente ao Bloco D”.

Nem tudo foi plantado de uma vez só. Com a ajuda de um rapaz que prestava serviços para os trailers de alimentação chamado Geraldo, os docentes começaram a distribuir as árvores nos espaços disponíveis. Aos poucos. Um trabalho que não parou por aí: foram anos regando as plantas, após o expediente. “Para a gente, era uma higiene mental. Pegávamos os regadores e iam molhando as mudas”, acrescenta o professor Roberto Fernandes.



ORGULHO O professor Ian e um dos baobás plantados há 40 anos

## BEM COMUM

A mudança da flora também ajudou a trazer novos “moradores” para o CT. “Está ouvindo? Esse é o canto do sabiá-laranja”, diz Ian, durante a entrevista. “Hoje, temos muitos passarinhos. Vemos muitas caturritas, sabiás, canários-da-terra, sanhaços, entre outros”, completa.

Passadas quase quatro décadas do início da empreitada, os dois festejam os resultados. “Foi

pelo gosto de tornar o local de trabalho mais agradável e dividir isso com os colegas. A gente fica feliz, porque os benefícios não reverteram só para mim, para o professor Roberto ou para o professor Carlos Russo”.

Roberto concorda e, mesmo aposentado e agora morando em São Paulo, ainda demonstra preocupação e carinho com suas antigas mudas. “Está um tal de pegar fogo em árvore que não é brincadeira”, alerta.

## PROJETO VAI RECUPERAR RESTINGAS DO FUNDÃO

Começa no ano que vem um ambicioso projeto de restauração ecológica da Cidade Universitária. Uma das frentes do trabalho será recuperar as restingas típicas das ilhas originais que formaram o atual campus. Os ecossistemas foram praticamente destruídos com o aterramento do arquipélago, no início da década de 1950.

“Teremos 20 espécies sendo reintroduzidas de restingas. Imagine dar um passeio na praia no fim da tarde, com bromélias e cactos floridos, tendo ao fundo a beleza cênica que é a Baía de Guanabara”, diz a professora Dulce Mantuano (foto), do Instituto de Biologia, coordenadora da iniciativa.

Por enquanto, a equipe de professores, técnicos e estudantes realiza alguns testes. “Estamos

fazendo ensaios de plantio para ver as melhores técnicas”. A ideia é restaurar a vegetação nativa em todas as praias existentes atrás do alojamento estudantil e no trecho que vai dos fundos da Educação Física até a parte da frente do Centro de Tecnologia Mineral (Cetem).

As mudas virão de uma parceria com o horto municipal Carlos Toledo Rizzini. “E vamos produzir algumas aqui, as mais raras, no horto da prefeitura universitária”, completa Dulce.

Outra frente de atuação será a criação de uma área para a chamada Mata Atlântica de Baixada. “Existe uma Mata Atlântica na encosta. É o caso da Floresta da Tijuca, do Maciço da Pedra Branca. Mas a de Baixada, que possui uma flora única, está praticamente ex-

tinta”, explica Dulce. Hoje, além de alguns poucos viveiros, as espécies deste ecossistema só podem ser encontradas em remanescentes pequenos e ameaçados, no Rio. Por exemplo, na Floresta do Camboatá, em Deodoro.

Esta parte da empreitada, com a introdução de 80 espécies, ficará localizada atrás da Faculdade de Letras. “Vimos a oportunidade de criar este ponto de ocorrência para algumas espécies nativas para que elas não sumam completamente”, diz a professora.

Por último, o projeto também vai fortalecer os manguezais existentes ao longo do Canal do Cunha. “Aqui não haverá introdução de novas espécies. Queremos fazer um enriquecimento genético desses manguezais para que eles não sejam tão frágeis. Quando há chuvas fortes com ventos, o evento climático derruba as plantas mais fracas”, afirma Dulce.

A recuperação das restingas e

LAB. DE ECOFISIOLOGIA VEGETAL - UFRJ



manguezais será acompanhada pelo professor Eduardo Almeida, também do Instituto de Biologia. “Meu papel principal é acompanhar mudanças nas populações de crustáceos, principalmente caranguejos semiterrestres, como o guaiamum, o uçá e os pequenos chama-maré”, explica.

Hoje, em função da poluição da Baía de Guanabara, especialmente do lado oeste, onde fica a

Cidade Universitária, há uma pequena diversidade de caranguejos. “Temos até nove espécies, mas só três ou quatro são abundantes”, diz Eduardo. A expectativa é que o projeto melhore este cenário. “O lado oeste vai continuar recebendo águas poluídas, mas, pontualmente, essas ações podem aumentar a quantidade e a diversidade de caranguejos, de praia e de mangue”, completa.

A Prefeitura Universitária é parceira da pesquisa. “Nosso horto vai abrigar as etapas da pesquisa e da escolha das espécies a serem plantadas”, afirma a coordenadora de Operações Urbano-Ambientais, Vera do Carmo. “O projeto é de grande relevância para a implantação do Plano Diretor Ambiental Paisagístico para a Cidade Universitária”, informa Beatriz Emílio, diretora da Divisão de Paisagismo.

Com financiamento da Petrobras, o projeto deve ser concluído até 2030. (Kelvin Melo)

ESPECIAL | SEMANA DOS PROFESSORES

EL@S MELHORAM O MUNDO... ✓ COM: SAÚDE

# ‘Revolução’ no IMA une nanotecnologia e natureza

> Pesquisadores conquistam avanços expressivos no uso de bioplásticos, que se degradam com rapidez e não deixam resíduos poluentes e prejudiciais à saúde como os plásticos sintéticos

ALEXANDRE MEDEIROS  
comunica@adufjr.org.br

Uma silenciosa revolução está em curso em um cantinho da Ilha do Fundão. É no Instituto de Macromoléculas,

um discreto e agradável prédio anexo ao Centro de Tecnologia da UFRJ, que uma equipe de pesquisadores, liderada pela professora Maria Inês Tavares, vem desenvolvendo bioplásticos que associam os mais avançados recursos de nanotecnologia a princípios ativos extraídos de alimentos e temperos como a manga, a abóbora, a linhaça, o alho, o orégano ou o alecrim.

Esses bioplásticos se degradam em poucos dias no meio ambiente e podem, em breve, como indicam os resultados alvissareiros dos testes em laboratório, substituir os tradicionais e poluentes plásticos sintéticos em várias aplicações.

Não se trata de uma só pesquisa, mas de uma linha de pesquisas com polímeros biodegradáveis. A professora Maria Inês Tavares, que é diretora do IMA, conta que o estudo dos princípios bioativos dos alimentos sempre fez parte de seu horizonte acadêmico. “Os princípios bioativos da canela, por exemplo, foram objeto de minha pós-graduação. Criei então uma disciplina na graduação que associa os alimentos funcionais à nanotecnologia, e desenvolvemos aqui no IMA estudos para encapsular os bioativos dos alimentos funcionais para produzir nutracêuticos (suplementos alimentares)”, recorda ela, que é química de formação.

Os estudos se ampliaram com o uso da nanotecnologia para encapsulamento dos princípios bioativos dos alimentos que, em um dos desdobramentos das pesquisas, começaram a ser usados em polímeros para recobrimento de frutas. A proteção se mostrou eficaz para manter a integridade das frutas por mais tempo e proporcionou o amadurecimento natural do produto. “Desenvolvemos um biofilme degradável com bioativos da



RAPIDEZ Diretora do IMA mostra bioplástico de manga recém-produzido e já com sinais de degradação



ESTUDOS Professora Lizandra pesquisa propriedades do açafraão

chia, que está em fase de obtenção de patente”, diz Maria Inês.

## NATUREZA AGRADECE

Ao contrário dos plásticos sintéticos, os bioplásticos não deixam resíduos que poluem o meio ambiente, prejudicando a vida nos oceanos e a saúde humana. “O grande problema é a geração de microplástico. Até um rasgo na calça jeans gera microplásticos. Eles estão no ar, na terra e no mar. Os plásticos convencionais, quando se degradam, pela ação da luz, pelo vento, pelo movimento das marés, geram pequenos fragmentos, que são os microplásticos. Os peixes, por exemplo, acabam se alimentando de microplásticos, e nós comemos os peixes e absorvemos essas partículas em nosso organismo. É uma cadeia. Pode gerar um tumor, por exemplo”,

alerta a professora Maria Inês. Ainda são pouco conhecidos os danos que os microplásticos podem causar ao organismo humano. Um estudo publicado no último dia 16 de setembro no Journal of the American Medical Association (Jama) revelou, pela primeira vez, a presença de microplásticos no cérebro humano. Conduzido por pesquisadores da USP, da Universidade Livre de Berlim, do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS) e do Centro Brasileiro de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), o estudo analisou 15 cérebros de pessoas mortas que moravam em São Paulo e encontraram nanopartículas de plástico em oito deles. A maior parte dos resíduos é de polipropileno, encontrado em roupas, garrafas PET e embalagens.

Se a degradação dos plásticos

FOTOS: ALEXANDRE MEDEIROS

## ESTUDOS RECENTES

Ao menos dois artigos recentes tratam dos avanços da linha de pesquisas do IMA. Ambos foram publicados no periódico inglês Journal of Applied Polymer Science (em português, Jornal de Ciência Aplicada de Polímeros). Um deles mostra a sinergia da UFRJ com outras instituições de pesquisa de ponta: foi coordenado pela pesquisadora Edla Maria Bezerra Lima, da Embrapa, com a participação de Maria Inês Tavares na equipe. Ele aborda o uso de sementes de manga na produção de embalagens para alimentos, reduzindo a geração de microplásticos.

O segundo artigo, que foi a matéria de capa da edição de maio do periódico inglês, versa sobre a produção de filmes alimentares para embalagens biodegradáveis. A principal autora do artigo é a professora Lizandra Maurat, também do IMA. “Queremos criar soluções que sejam viáveis, como o reaproveitamento de resíduos. Tenho uma linha de estudo com meus alunos de aproveitamento do talo da couve, que geralmente pela ação de microrganismos. Pode ser descartado numa composteira, e vai levar 180 dias para perder 90% da sua massa. Se for descartado ao léu, vai demorar um pouco mais. Mas com menos de 300 dias ele vai começar a se degradar, vai se fragmentar aos poucos e ficar do tamanho que os microrganismos conseguem se alimentar”, explica ela.

Estima-se que metade de todo o plástico produzido no planeta seja utilizado apenas uma vez e depois descartado no ambiente. Por isso a substituição dos sintéticos pelos bioplásticos pode reduzir a emissão de microplásticos na natureza. “É certo que os polímeros sintéticos seguirão em algumas aplicações, como peças de avião ou de carro, capacetes e equipamentos de segurança. Mas embalagens, por exemplo, podem ser, na maioria, de polímero biodegradável”, enumera a pesquisadora.

As pesquisas com bioplástico do IMA já utilizaram princípios bioativos da abóbora, da chia, da linhaça, do orégano, do alecrim, da manga, do açafraão, do alho, da pata-de-vaca, do inhame e de outros alimentos.

Além de Lizandra, o artigo é assinado pelos pesquisadores Paulo Sergio Rangel, Eduardo Miguez, Vinicius Aguiar e Maria Inês Tavares.

A diretora do IMA está muito otimista quanto ao avanço das pesquisas no instituto, mas faz um alerta. De nada adianta obter bons resultados na produção de bioplásticos se não houver avanço na conscientização da sociedade em relação ao consumo. “A primeira coisa a fazer é tentar diminuir a presença de microplásticos no ambiente. O que já está no mar vai ser difícil tirar, mas podemos evitar gerar mais. Estão se formando ilhas de microplástico no mar. As partículas se misturam com os corais, as conchas, a areia, e formam rochas. A natureza está dando conta do que não conseguimos dar”.

ESPECIAL | SEMANA DOS PROFESSORES

EL@S MELHORAM O MUNDO... ✓ COM: AFETO

# COM A PUREZA DAS CRIANÇAS

> Engenharia Nuclear da Coppe cria primeiro espaço dedicado ao acolhimento de mães e pais com filhos pequenos. Ideia é que iniciativa seja expandida para outros programas e cursos da UFRJ



ACOLHIMENTO Mães e filhos ficam juntos em espaço da Coppe para docentes e pós-graduandas

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

Estudantes e professoras do Programa de Engenharia Nuclear (PEN) da Coppe contam desde maio com o primeiro espaço da UFRJ voltado ao cuidado de crianças pequenas. É o Núcleo de Apoio Parental (NAP). A sigla não é por acaso. Nap é a tradução de “soneca” ou “cochilo”, em inglês. O local funciona na sala G-200, no Centro de Tecnologia, e se tornou realidade graças à delicadeza e ao importante apoio da professora Inayá Lima, coordenadora do PEN.

“Depois da pandemia tivemos um boom de alunas grávidas na pós-graduação e elas me pediram que houvesse um espaço para que elas pudessem amamentar, enquanto realizam suas atividades na universidade”, explica a docente. “Eu me sensibilizei e então montamos o espaço. Tudo que temos são doações minhas, das estudantes, de professores”, conta. “Aqui temos água, temos geladeira onde é possível armazenar leite e outros alimentos para as crianças, trocador, pomadas, berço, poltrona para amamentação”, diz a professora, enquanto apresenta, orgulhosa, o espaço à reportagem.

É a primeira iniciativa da Coppe voltada ao cuidado paren-

“Aqui temos água, temos geladeira onde é possível armazenar leite e outros alimentos para as crianças”

INAYÁ LIMA  
Professora da Coppe

tal. “Temos cinco mães na pós-graduação utilizando o espaço. As próprias alunas limpam, ajudam na manutenção”, explica a docente. A preocupação com a saúde física e mental das crianças também pesou para a escolha do local. “Nesta sala, as janelas podem ser abertas para maior ventilação, caso haja muitas crianças num determinado horário, e porque é voltada para a área verde”, diz. “É importante que elas tenham essa vista do jardim”.

A professora aposta na ampliação do espaço e, futuramente, na interação com outros cursos, inclusive da graduação. “Fico emocionada com essa realização. É um legado que vai ficar para outras gestões e poderá ser ampliado para a graduação também”, avalia. “Quem sabe para outros cursos da universi-

dade?”, sugere a docente.

Uma das alunas que solicitou apoio da professora Inayá e ajudou a montar a empreitada foi a doutoranda Thaís Hauradour. Ela saiu de Manaus para o Rio de Janeiro no início de 2020 junto com o companheiro, também doutorando do PEN, quando foram aprovados para o mestrado. Eles não possuem rede de apoio na cidade. Os dois se revezam no cuidado da filha em casa e na universidade. Para Thaís, o espaço fez total diferença no seu dia a dia.

“Quando cheguei aqui na UFRJ, fiquei um pouco assustada, pois a universidade não tem estrutura para receber mães. Não há trocador nos banheiros, por exemplo”, relata a jovem pesquisadora. “Quando fiquei grávida, essa falta de apoio ficou mais aguda. Várias vezes a gente trocou a minha filha bebê em pé, no corredor, num banquinho improvisado”, lembra. A filha, agora com um ano e meio, pode aproveitar o espaço. Ela já mamou muitas vezes, comeu, brincou bastante e tirou bons cochilos, conta a mãe.

Thaís celebra ter feito parte dessa iniciativa. “Foi muito gratificante correr atrás para que esse espaço se tornasse realidade. É um legado; e num programa onde a maioria ainda é formada por homens”, aponta. “É um pequeno espaço, mas é um grande feito na direção do acolhimento”, destaca. “Nós estamos no CT, onde vemos



ASCOM NUCLEAR



DOAÇÃO Thaís estreou a poltrona de amamentação do espaço

mais homens do que mulheres. Por que isso acontece? Às vezes, é porque falta alguma coisa. Então, este espaço nos mostra que não somos invisíveis”, desabafa, por exemplo”, relata a jovem pesquisadora. “Quando fiquei grávida, essa falta de apoio ficou mais aguda. Várias vezes a gente trocou a minha filha bebê em pé, no corredor, num banquinho improvisado”, lembra. A filha, agora com um ano e meio, pode aproveitar o espaço. Ela já mamou muitas vezes, comeu, brincou bastante e tirou bons cochilos, conta a mãe.

“Além disso, se o espaço fosse uma realidade há mais tempo, eu teria conseguido voltar antes para a minha pesquisa”. Ela usa o NAP nos momentos em que não consegue deixar o bebê com a avó. “Moro em Teresópolis e ainda tenho essa opção de deixar com minha mãe às vezes, mas muita gente não tem qualquer rede de suporte”, observa. “O espaço, então, se faz muito necessário. Se a UFRJ investisse mais nisso, não só para estudantes, mas também para professores, seria muito bom para todos. Hoje sei que posso levar meu filho comigo para algumas atividades que antes não teria muitas vezes nem como participar”, conta. “A comunidade acadêmica precisa se conscientizar sobre o que as mães precisam para seguir suas carreiras. É importante que as pessoas saibam o quanto ainda é necessário avançar nessa área do apoio parental”, conclui.

ESPECIAL | SEMANA DOS PROFESSORES

EL@S MELHORAM O MUNDO... ✓ COM: LIVROS

# MENOS FARMÁCIAS E MAIS LIVRARIAS

> Médicos e professores da UFRJ se unem para criar um pequeno sebo em Laranjeiras e mostram que a literatura é um ótimo remédio para aproximar as pessoas e valorizar a empatia e a cultura

RENAN FERNANDES  
comunica@adufrrj.org.br

Uma livraria movida por um lema: mais livros e menos farmácias. A aconchegante Casa 11 é um sebo em Laranjeiras em que o lucro não é o objetivo. Muito além de vender livros, a missão é espalhar o amor pela literatura, a promoção da cultura e de iniciativas que promovam a inclusão por meio da leitura. Aberta em 2023, a pequena livraria é mantida por 129 sócios, entre eles 29 médicos e professores da UFRJ.

A professora Ana Lucia Fernandes, da Faculdade de Educação, é uma das sócias da Casa 11. A docente destacou o papel social de valorização da cidadania que o espaço desempenha. “A livraria virou um ponto de referência no bairro, as pessoas passam por aqui, trazem os filhos. Queremos ser uma referência cultural, estreitar laços com a população e os territórios que existem aqui no entorno”, disse. “Mais que vender livros, queremos ser um centro onde diferentes iniciativas são integradas”, defendeu a professora.

A vontade de transformar a livraria em polo cultural do bairro alcançou as vizinhas favelas Cerro Corá e Guararapes. Em parceria com o coletivo Potencializa, a Casa 11 criou o projeto Madrinha Literária, que oferece livros para as crianças que visitam a livraria. Alguns sócios também se juntaram para pagar um mediador que trabalha na única biblioteca do Guararapes. Priscilla do Nascimento, professora da rede municipal de educação e moradora do Guararapes, é a idealizadora do Potencializa e também faz parte do coletivo Cerro Corá Moradores em Movimento. Ela comentou a primeira visita das crianças à livraria. “A livraria tem algo mágico e gerou um encantamento no olhar das crianças assim que entraram. Elas desenharam, compuseram uma música e saíram felizes com livros”.

“Essa parceria é uma forma de aproximar a favela do asfalto. Tem a ver com o direito à cida-



RENAN FERNANDES



TIAGO MARTA

de. É uma mudança de referência, de saída do território para explorar outros locais”, concluiu. A livraria promove encontros de discussão e mediação de leitura. “Começamos lendo Antonio Candido sobre o direito à leitura. As pessoas devem ter direito à comida, à habitação, mas o direito à leitura também é fundamental”, explicou Ana Mallet, médica do Hospital Uni-

versitário Clementino Fraga Filho e idealizadora da iniciativa. “O sebo é um espaço muito mais democrático porque os livros estão muito caros. Aqui temos livros a partir de R\$ 10”.

A maior parte do acervo do sebo foi doado pela professora Carla Rodrigues, do IFCS. A livraria aceita doações, compra livros novos e tem um espaço dedicado às obras ali lançadas.

O professor aposentado do Cap Américo Freire é coautor da biografia de Frei Betto e foi convidado para uma conversa. “Fiquei contente com o convite. É um espaço fundamental para o bairro, para trocar ideias e falar de livros. O Rio está perdendo as livrarias de rua e essa iniciativa é excelente”. Ele comentou sobre a diferença entre os lançamentos em grandes livrarias e as rodas de conversa na Casa 11. “Aqui é mais intimista, é olho no olho, como um show de jazz”.

LITERATURA QUE CURA

Durante 18 anos, Ana Mallet manteve com outros 16 sócios a livraria Largo das Letras, em Santa Teresa. Após a pandemia da covid-19, a livraria fechou em 2022. Foi durante uma caminhada próximo de casa, em Laranjeiras, que a médica viu o anúncio de aluguel de uma pequena loja em uma galeria e pensou em retomar o sonho.

A Medicina e a Literatura dividem espaço no coração de Ana, que tem doutorado em Cardiologia na UFRJ e um pós-doutorado em Literatura Comparada na Uerj. A médica é coordenadora do projeto de extensão Arte na Veia, que pintou paredes do HUCFF com frases de Saramago e Conceição Evaristo. Ana crê que a literatura pode ajudar a

formar médicos mais empáticos. “Existem trabalhos que mostram que a empatia de um aluno de Medicina cai durante a formação. A gente trabalha com os colegas tentando mostrar que a literatura é importante para ampliar os horizontes, para conhecer coisas novas, para aproximar médico e paciente”.

Em pouco mais de um ano de vida, a Casa 11 já dobrou de tamanho. No entanto, os sonhos dos sócios seguem não cabendo entre as quatro paredes da livraria. Em junho, organizaram a primeira edição da Filia, a Festa Literária de Laranjeiras, que reuniu mais de 2.000 pessoas.

A professora Maria do Socorro de Carvalho, do Instituto de Microbiologia, foi uma das últimas sócias a embarcar no projeto. Conhecida pela organização, é chamada pelos colegas na Casa 11 de “superintendente Socorro”. “Crescemos muito desde a inauguração. A expansão foi uma conquista, a organização da Filia foi um trabalho enorme, mas é muito recompensador”, celebrou. “Para mim esse é um espaço terapêutico. Aqui a gente foge daquela estrutura rígida da UFRJ e tem contato com leituras e debates que vão além do nosso campo de trabalho”, explicou a docente.

FOTOS: FERNANDO SOUZA



# NOITE DE ENCONTRO, CULTURA E ALEGRIA

> Para celebrar o Dia dos Professores, AdUFRJ promove roda de samba e sorteio de ingressos para teatro, em festa repleta de afeto e acolhimento

ALEXANDRE MEDEIROS  
[comunica@adufjr.org.br](mailto:comunica@adufjr.org.br)

**C**lássicos do samba e do pagode embalarão a festa da AdUFRJ em homenagem ao Dia do Professor, que aconteceu nesta terça-feira (15) no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, no Flamengo, Zona Sul do Rio.

O grupo Alma de Sambista comandou a roda com um repertório de bambas do naipe de Candeia, Cartola, Jorge Aragão, Luiz Carlos da Vila, Dona Ivone Lara, Monarco, João Nogueira e Paulinho da Viola, com uma “canja” da professora Tatiana Roque, do Instituto de Matemática, recém-eleita vereadora no Rio de Janeiro. Com 28 anos de estrada, o grupo Alma de Sambista nasceu no restaurante Severina, em Laranjeiras, e foi batizado por três craques do samba: Beth Carvalho, João Nogueira e Paulinho Soares.

“Momentos como este aproximam os professores do nosso sindicato. É uma oportunidade de trocarmos ideias em um ambiente alegre e descontraído”, disse o professor Rodrigo Fonseca, diretor da AdUFRJ. Dezenas de docentes, veteranos ou novatos na UFRJ, conversaram, cantaram e dançaram a noite toda, com direito a bom vinho e cerveja gelada. Foram também sorteados 25 ingressos para



a peça “Eu matei Sherazade, confissões de uma árabe em fúria”, em cartaz no Teatro Poeira.

“É uma confraternização muito positiva para comemorar o Dia dos Professores, num ambiente muito acolhedor preparado pela AdUFRJ. Encontrei várias pessoas queridas, é ótimo estar aqui”, comentou a professora Cláudia Figueiredo, da Faculdade de Farmácia, uma das mais animadas presenças na festa. Ao lado dela, também da Faculda-

de de Farmácia, o professor Robson da Costa complementou: “É a primeira vez que venho a uma festa da AdUFRJ, achei excelente. É importante o sindicato promover mais eventos, não só sociais, mas também culturais, palestras. Organizar encontros como este com os associados é sensacional”.

Sentadas em uma das mesas da “turma do gargarejo”, as professoras Verônica Damasceno, diretora da AdUFRJ, e Cláudia Mourthé, ambas da Escola de Belas



Artes, aproveitaram para colocar o papo em dia entre uma música e outra. “Achorei esse lugar, não conhecia. É um espaço com potencial maravilhoso para eventos. A festa está deliciosa, super bem servida, ótima música, pessoas de alto astral, muito bom para renovar esses contatos”, disse Cláudia. “É bom demais comemorar essa data com samba, com pessoas que eu gosto, boa comida e bebida. Esse é o melhor Dia dos Professores que tive na minha vida”, completou Verônica.